

Parte III – Exposições

Mapping

Após todo este trabalho laboratorial e reflexivo, levei o material que tinha produzido no NANO para o seu primeiro espaço de exposição. Finalmente a cidade fictícia ia sair do seu lugar de criação e de uma situação de comunicação exclusiva com o criador, e ia encontrar um novo contacto: o público que iria ter acesso a este território imaginário e com a possibilidade de se confrontar com este mundo fictício. A inauguração ocorreu no dia 24 de Junho, quatro meses depois do início deste projeto no Rio de Janeiro. O local de exibição foi o Espaço Vórtice da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ao conseguir realizar uma exposição individual nesta galeria, tive a liberdade de usar livremente o espaço expositivo instalando ali o que eu imaginava como a apresentação de um espólio da minha cidade fictícia. A disposição que criei para o espaço onde se colocaram mesas de escola antigas e plintos sóbrios, definia-se pelas linhas rectas da própria galeria, com paredes revestidas por um branco âmbar cru. O cenário era simples e austero, dando a sensação de que aquela cidade se apresentava num local institucional, de visitação, não se querendo relacionar com os espectadores de uma forma interativa e dinâmica, mas sim criando um dispositivo que apenas podia ser observado de fora, como se de um acervo se tratasse.

As peças distribuíam-se por quatro mesas e quatro plintos altos e brancos, e a iluminação adotou a técnica clássica dos museus: pequenos holofotes presos ao teto iluminavam diretamente os suportes onde os materiais estavam dispostos, deixando uma maior penumbra nos intervalos. O ambiente indicava ao espectador que deveria inspecionar peça a peça, dando relevância   individualidade de cada objeto. Embora todas estas peças fizessem parte de um todo, era importante observ -las separadamente e ter atenção às suas particularidades, para se entender o modo como estas se conectavam. Desta forma, os suportes formavam linhas que indicavam uma seq ncia de visitação. As peças apresentavam-se como se fossem os vestígios arqueológicos da cidade, que por serem encontrados, se tornavam objetos de arquivo a que o público podia aceder.

Em quatro mesas de exposição foram colocadas as quatro máquinas pertencentes aos quatro fatores meteorológicos da cidade. Seguindo a ordem do cenário da exposição, o primeiro dispositivo a ser apresentado foi a “máquina da

terra”. Em cima da mesa encontravam-se três bocados de terra recolhidos na Ilha do Fundão. Na verdade, eram restos de papel desenterrados do solo. Contudo, esta identificação com a materialidade do papel estava quase ausente pois durante o período em que estes estiveram soterrados a sua aparência foi sofrendo alterações. Curiosamente, começaram a parecer-se com mapas, pois durante o processo de soterração foram criando linhas nos seus corpos, e as rugosidades que a terra lhes ofereceu lembravam os relevos desenhados de alguns documentos de cartografia. Estavam alinhados sobre a mesa como se se tratassem de peças de catálogo, e o fragmento que estava colocado no centro da mesa ligava-se a um aparelho de aspeto gasto e envelhecido, parecendo que também tinha estado soterrado. Todavia, era esta a parte da peça que assumia o papel de motor da máquina. Apesar do espectador se aperceber que a construção desta máquina se constituía maioritariamente por materiais orgânicos que não apresentavam qualquer funcionalidade tecnológica, este motor dava a sensação de que estes materiais estavam inseridos dentro de um corpo mecânico. (fig. 32)

Ao lado desta escultura, estavam também alinhados três desenhos que, imaginariamente, eram os mapas que representavam a perspetiva bidimensional daqueles vestígios de terra. Estes mapas continham formas que tinham sido retiradas das fotografias dos troncos das árvores do Jardim Botânico. Aqui não usei os mapas onde tinha assinalado os territórios denominados de “corpos sem órgãos” (capítulo Jardim Botânico – Corpo sem Órgãos). Estes novos mapas eram uma intervenção mais simples e direta das imagens retiradas no Jardim Botânico, e apenas foi usado para a sua elaboração papel milimétrico e grafite. São desenhos que representam territórios separados por espaços em branco, como se fossem um conjunto de ilhas (fig. 33). Observando estes mapas de perto e acreditando na veracidade destes, o espectador pode atender a todos os detalhes que os fragmentos de terra contêm, dando-se conta dos seus limites e fronteiras. De um lado temos estes elementos orgânicos ligados a um aparelho com característica de motor, o que, para o espectador, surge como uma conexão completamente irracional e incongruente; do outro lado encontramos uma cartografia que pretende provar como estes objetos, internamente, estariam organizados e sistematizados seguindo uma lógica territorial. Apesar de serem as esculturas que apresentam materialmente estes territórios, são os